



## **ENSINO DA ORALIDADE NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: contribuições do CONBALF**

**Rafael Mendes<sup>1</sup>**

**Gilceane Caetano Porto<sup>2</sup>**

***Eixo temático: 6 Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens***

**Resumo:** O presente trabalho trata-se da apresentação de uma pesquisa que tem como objetivo, analisar a base de dados do Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF), a fim de verificar a presença de trabalhos acerca do eixo oralidade no ciclo de alfabetização. A partir da análise de conteúdo desses dados, investigamos os objetivos do ensino da oralidade, os gêneros orais e os conhecimentos linguísticos desenvolvidos. Em suma, concluímos que o ensino intencional da oralidade no processo de alfabetização e letramento visa capacitar os alunos para os diversos usos sociais da linguagem oral, através da exploração de uma diversidade de gêneros, contextos e habilidades sociodiscursivas.

**Palavras-chaves:** oralidade; letramento; gêneros orais; gêneros de tradição oral; ciclo de alfabetização.

### **1. Introdução**

No âmbito do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), o MEC (BRASIL, 2012) apresentou Direitos e Objetivos de Aprendizagem a serem desenvolvidos nas diversas áreas do conhecimento durante o Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental. Em relação ao componente curricular Língua Portuguesa, o documento propõe uma abordagem progressiva na perspectiva do *letramento* (SOARES, 2009), na qual se busca “favorecer situações propícias de aprendizagem do funcionamento do sistema de escrita alfabética (SEA), de modo articulado e simultâneo às aprendizagens relativas aos usos sociais da escrita e da oralidade” (BRASIL, 2012). Assim, quatro eixos

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura em Pedagogia pela UFPel. Bolsista do Programa de Educação Tutorial- PET Pedagogia UFPEL. Contato: [rafaelmendesufpel@gmail.com](mailto:rafaelmendesufpel@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela UFPEL. Professora associada da Universidade Federal de Pelotas. Tutora do Programa de Educação Tutorial- PET Pedagogia UFPEL. Contato: [gilceanep@gmail.com](mailto:gilceanep@gmail.com)

estruturantes devem ser contemplados para o ensino e aprendizagem das práticas de linguagem: oralidade, leitura, produção de textos escritos e análise linguística.

A articulação desses eixos contribui para a formação de indivíduos capazes de se expressar com clareza, compreender e interpretar diferentes tipos de textos e em diferentes contextos, além de refletir sobre a língua e seus usos sociais. O desenvolvimento de habilidades de escuta, interpretação e expressão oral é atribuído ao ensino da oralidade, que tem como objetivo, capacitar os alunos para o uso de gêneros variados, em diferentes graus de formalidade. Essa abordagem valoriza a importância de um ensino da língua portuguesa que envolva os alunos em práticas de alfabetização que proporcionem a inserção dos sujeitos na cultura oral e escrita.

No entanto, segundo Leal e Gois (2012) “a oralidade é o eixo de ensino menos prestigiado no currículo escolar da Educação Básica e nas práticas de ensino de todos os níveis de escolaridade”. Uma pesquisa realizada por Souza (2013), revelou que, dentre os 174 trabalhos publicados nos Anais da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Educação (ANPED) nas últimas décadas, apenas oito pesquisas tratavam do eixo oralidade. Este dado evidencia a necessidade de ampliar as discussões sobre o ensino da oralidade no contexto do ciclo de alfabetização.

Diante da relevância do tema, consultamos a base de dados do Congresso Brasileiro de Alfabetização com o objetivo de analisar a presença de trabalhos com a temática da oralidade no ciclo de alfabetização. Fundamentando-se em Leal e Gois (2012), Schneuwly e Dolz (2004) e Gomes e Moraes (2013), realizamos a Análise de Conteúdo (MORAES, 1999) de 30 trabalhos dos Anais do CONBALF de 2013 a 2021, onde identificamos objetivos do ensino da oralidade, gêneros orais e conhecimentos linguísticos do campo da comunicação oral. A seguir, apresentamos alguns fundamentos teóricos que nortearam esta pesquisa.

## **2. O ensino da oralidade**

De acordo com a teoria interacionista, a aquisição da linguagem é resultado de uma interação complexa entre fatores biológicos – inatos aos seres humanos – e o input linguístico, fornecido pela exposição da criança à sua língua. Segundo Ferreiro e Teberosky (1986) a criança atua ativamente nesse processo, buscando compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, formulando hipóteses, procurando regularidades e criando a sua própria gramática. Assim, ao ingressar no Ensino Fundamental, a criança já possui conhecimentos notáveis da sua língua materna, principalmente no que tange às habilidades de conversação.

De acordo com Leal e Gois (2012), a fala é uma modalidade complexa, regida por regras contextuais que implicam conhecimentos e habilidades sociodiscursivas específicas

do campo da oralidade. Não se trata de ensinar os alunos a “falar corretamente”, o objetivo da escola é oposto: combater o *preconceito linguístico* (BAGNO, 1999), proporcionando aos alunos experiências que lhes permitam atuar, com autonomia, em diferentes contextos sociais, de forma oral e escrita. (LEAL; GOIS, 2012).

Nessa perspectiva, são propostos oito objetivos progressivos a serem introduzidos (I), aprofundados (A) e consolidados (C) ao longo do ciclo de alfabetização (BRASIL, 2012). Na figura 1, apresentamos os Objetivos de Aprendizagem do Eixo Oralidade, onde podemos observar uma ênfase no trabalho com gêneros orais em contextos diversos.

**Figura 1**

<b>EIXO ESTRUTURANTE ORALIDADE</b> <b>Objetivos de Aprendizagem</b>	<b>1º</b> <b>Ano</b>	<b>2º</b> <b>Ano</b>	<b>3º</b> <b>Ano</b>
Participar de interações orais em sala de aula, questionando, sugerindo, argumentando e respeitando os turnos de fala.	I/A	A/C	C
Escutar, com atenção, textos de diferentes gêneros, sobretudo os mais formais, comuns em situações públicas, analisando-os criticamente.	I/A	A/C	A/C
Planejar intervenções orais em situações públicas: exposição oral, debate, contação de histórias.	I	A/C	C
Produzir textos orais de diferentes gêneros, com diferentes propósitos, sobretudo os mais formais, comuns em instâncias públicas (debate, entrevista, exposição, notícia, propaganda, dentre outros).	I	I/A	A/C
Analisar a pertinência e a consistência de textos orais, considerando as finalidades e características dos gêneros.	I	A	A/C
Reconhecer a diversidade linguística, valorizando as diferenças culturais entre variedades regionais, sociais, de faixa etária, de gênero, dentre outras.	I	A	A/C
Relacionar fala e escrita, tendo em vista a apropriação do sistema de escrita, as variantes linguísticas e os diferentes gêneros textuais.	I	A	C
Valorizar os textos de tradição oral, reconhecendo-os como manifestações culturais.	I/A/C	A/C	A/C
<b>LEGENDA: I – Introduzir; A – Aprofundar; C – Consolidar.</b>			

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), o gênero é definido pela situação em que ocorre a comunicação. É ela que caracteriza e molda o gênero, determinando sua forma e estrutura. A partir de uma perspectiva bakhtiniana, os autores apresentam três dimensões essenciais que formam a identidade de um gênero: “o que é dizível por meio dele (o conteúdo temático), a forma de organização do dito (a estrutura composicional) e os meios linguísticos que operam para dizê-lo (o estilo).” Para eles, o desenvolvimento das capacidades linguísticas necessárias para a produção de um gênero, depende do repertório do aprendiz relacionado ao gênero em questão, e da capacidade de adaptar-se, utilizando-se de um “modelo discursivo” para produzir novos conteúdos a partir de uma mesma estrutura.

Ainda, segundo Leal e Gois (2012) há outros pontos de complexidade da

comunicação oral que devem ser levados em conta para a intencionalidade do ensino, pois fazem parte da construção do significado daquilo que foi dito. Além dos elementos linguísticos (morfologia, sintagma e semântica), a prosódia (melodia, ritmo e entonação) e os aspectos não linguísticos como gestos, distância, iluminação e roupas, também caracterizam o campo da oralidade. Outro ponto é a distribuição dos turnos de fala, que podem variar dependendo do tipo de interação, como a conversa informal e o monólogo.

Porém, é importante ressaltar que esses aspectos teóricos devem ser de conhecimento da professora alfabetizadora. De acordo com Leal e Gois (2012), para que o aluno desenvolva competências linguísticas do campo da oralidade, ele precisa vivenciar, através de práticas pedagógicas intencionais e mediadas, situações de uso desses recursos linguísticos. Para isso, é consenso entre os referidos autores, que o trabalho com gêneros orais deve estar presente nas práticas pedagógicas de forma articulada com os gêneros escritos, a fim de desenvolver aquilo que Kleiman (2002) chama de Oralidade letrada.

Gomes e Moraes (2013) defendem a importância da *oratura*, de alfabetizar utilizando textos de tradição oral. Os gêneros de tradição oral – como contos, lendas, parlendas, quadrinhas, mitos, adivinhas, cantos e brincadeiras de roda – são elementos constitutivos da cultura infantil brasileira e além da sua relevância sócio-histórica, potencializam o processo de alfabetização, por seu caráter lúdico, que convida as crianças a brincarem com as palavras.

Em vista disso, apresentamos em sequência, os resultados e discussões acerca da análise dos dados coletados.

### **3 Resultados e Discussões**

A partir da análise dos trabalhos das cinco edições dos anais do Congresso Brasileiro de Alfabetização, identificamos 30 trabalhos com a temática oralidade, como pode ser visto na tabela a seguir.

**Tabela 1: Oralidade nos Anais do CONBALF (2013 – 2021)**

Anais	Pesquisa	Relato de experiência	Total
I	2	3	5
II	1	1	2
III	4	2	6
IV	6	2	8
V	6	3	0
Total	19	11	30

Percebe-se que houve um crescente interesse pelo eixo oralidade no campo da alfabetização nos últimos anos. Dentre os 30 trabalhos, verificamos que oito deles abordavam a oralidade na Educação Infantil, quinze nos anos iniciais, um na educação de jovens e adultos e sete em livros didáticos, propostas curriculares e programas de formação de professores. Ainda, observamos que seis deles tinham como foco específico os gêneros de tradição oral.

Acerca da oralidade no ciclo de alfabetização, observamos que a totalidade de pesquisas e relatos de experiência analisados, abordam aspectos da oralidade sob a perspectiva de letramento, trazendo contribuições relevantes acerca da importância de um ensino sistemático que explore a linguagem oral e escrita de forma contextualizada em seus usos sociais. Segundo Perfeito e Perfeito (2021, p.2):

Faz-se necessário que as atividades sejam planejadas sistematicamente para que o estudante além de aprender a monitorar sua fala, busque adequá-la à situação contextual. Ao mesmo tempo, intervir com conhecimento dos gêneros orais, a partir de metodologias que garantam o ensino e a aprendizagem destes, ultrapassando a oralidade cotidiana e espontânea (informal), de modo a possibilitar o uso público formal da língua

De acordo com Freitas, Souza e Luquetti (2019), o ensino da oralidade não deve se ater apenas às práticas de conversação em sala de aula, visto que a criança já utiliza diversos textos orais e escritos em suas interações sociais. Dessa forma há uma variedade de gêneros discursivos a serem contemplados, e para isso, o professor deve desvendar a natureza intrínseca do gênero, de modo a torná-lo significativo para o aluno.

Todavia, a partir de uma concepção sociodiscursiva, Carneiro e Lopes (2019) apontam a importância do ensino intencional dos gêneros discursivos primários, comuns na comunicação cotidiana. Segundo eles, devido a posição social que o professor ocupa, ele

assume o papel de mediador das práticas de oralidade na sala de aula e por isso, deve escutar as vozes dos alunos. De acordo com os referidos autores:

o uso da linguagem oral prevê o sabido uso da fala em situações diversas, utilizando-se de gêneros discursivos variados – sejam primários ou secundários –, além da capacidade de escuta atenta, envolvendo a compreensão, a valorização do que é dito, o respeito aos turnos da fala, entre outros aspectos (CARNEIRO; LOPES, 2019, p.1621).

Outro aspecto analisado nos trabalhos foi em relação a heterogeneidade. Magalhães e Melo (2013) ressaltam que a diversidade linguística também é um ponto a ser discutido com as crianças, visto que os diferentes modos de falar são formas organizadas e legítimas da língua. As autoras defendem que a escola tem um compromisso social de ensinar a norma de prestígio sem estigmatizar a fala dos alunos. É necessário que a exploração dos gêneros formais ocorra de forma mais descritiva do que normativa, com foco nas características de cada gênero, suas regras sociais e convenções de forma, sem correções na fala dos alunos por parte do professor.

No âmbito da diversidade, os gêneros de tradição oral são extremamente potentes. O ensino da história e da cultura dos povos indígenas e afro-brasileiros, por exemplo, pode ser explorado através de diversos gêneros, como contos, causos, mitos e lendas (Gomes, Moraes, 2013). Ao analisarem um projeto didático de contos e recontos africanos, Pessoa, Lima e Barros (2019) observaram que práticas mediadas, como a exposição oral, permitiram que os alunos tivessem conhecimento dos aspectos linguísticos, paralinguísticos, cinésicos e extralinguísticos da oralidade.

Nesse sentido, identificamos que 26,6% dos textos com a temática oralidade tinham como ponto central, a valorização da tradição oral brasileira. Um estudo realizado por Tinoco, Peixoto e Luqueti (2019) propõe o ensino da oralidade a partir de fraseologismos regionais, com foco em idiomatismos como “procurar sarna pra se coçar” para o trabalho com a diversidade cultural e regional brasileira. Em outro estudo, Veiga (2013) apresenta um projeto de oralidade desenvolvido a partir de narrativas populares do folclore local, em que as crianças recontaram histórias contadas por seus familiares.

Podemos ver que, mesmo em relação a outros eixos linguísticos, a exploração de gêneros da tradição oral faz parte da cultura escolar. Ao refletir acerca dessa questão, Cabral, Santo e Lima (2017) afirmam que a sonoridade, a corporeidade e o descompromisso com a lógica formal presente nas parlendas, trava-línguas, quadrinhas, adivinhas, cantigas e poemas são verdadeiros “brinquedos linguísticos”. Segundo os autores, a presença marcante desses gêneros na escola talvez se dê por conta da sua estrutura simples de fácil memorização, rica em rimas, aliterações e divisões silábicas, tão importantes para uma exploração lúdica do SEA.



Entretanto, ao investigar a visão de professores dos anos iniciais sobre a contribuição das narrativas orais de histórias para a aprendizagem dos alunos de classes de alfabetização, Zanlotenzi e Silva (2021) concluíram que há uma secundarização das narrativas orais no processo de alfabetização, como estratégia pedagógica para o ensino de outros conteúdos. Ademais, em um trabalho publicado na última edição do CONBALF, Souza e Pessoa (2021) analisaram que os textos da tradição oral estavam presentes em todos os 36 cadernos utilizados na formação do PNAIC no ano de 2013, porém, das 30 abordagens identificadas, apenas 11 relacionavam-se ao eixo da oralidade. Assim, seguem algumas considerações finais.

## **5 Considerações Finais**

A análise dos trabalhos apresentados no CONBALF revela um crescente interesse pelo eixo da oralidade na alfabetização. Os estudos destacam a importância de um ensino intencional e sistemático da oralidade, explorando gêneros orais de diferentes graus de formalidade, em contextos variados, de modo a capacitar os alunos para os diversos usos sociais da linguagem oral. De acordo com os autores, as práticas de oralidade devem valorizar a diversidade cultural e linguística, sobretudo, a partir da exploração dos gêneros de tradição oral.

Ademais, observamos que o ensino da oralidade muito se dá em relação a outros eixos, visto que a linguagem oral tem um papel fundamental na aquisição do Sistema de Escrita Alfabética. No entanto, é necessário superar as práticas que secundarizam os direitos da aprendizagem relacionados a este eixo, promovendo uma maior valorização da oralidade no contexto da alfabetização, para que se possa desenvolver uma oralidade letrada.

## **Referências**

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** Edições Loyola, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – DICEI. Coordenação Geral do Ensino Fundamental – COEF. Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo básico de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental. Brasília, DF: MEC, 2012.

CABRAL, Vandilma Salvador; SANTO, Edeil Reis do Espírito; LIMA, Edna Cristina Oliveira. **Os gêneros orais e as habilidades fonológicas: perspectivas teórico-metodológicas.** In: Anais do III CONBALF, 3º edição, 2017. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/files/ugd/64d1da\\_f0248f9c6953497387ebd9edade75139.pdf](https://www.abalf.org.br/files/ugd/64d1da_f0248f9c6953497387ebd9edade75139.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

CARNEIRO, Romênia Menezes Paiva Chaves; LOPES, Denise Maria de Carvalho. **O lugar da linguagem oral na sala de aula: as (não) conversas entre alunos e professor.** In: Anais do IV CONBALF, 4ª edição, 2019. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana; LICHTENSTEIN, Diana Myriam. **Psicogênese da língua escrita.** Artes Médicas, 1986.

FREITAS, Raquel França; SOUZA, Sonia Maria da Fonseca; LUQUETTI, Eliana Crispim França. **A importância da oralidade no processo de alfabetização.** In: Anais do IV CONBALF, 4ª edição, 2019. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a tradição oral.** Cortez Editora, 2013.

KLEIMAN, Angela B. **Oralidade letrada e competência comunicativa: implicações para a construção da escrita em sala de aula.** Scripta, 2002.

LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane. **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão.** Autêntica, 2012.

MAGALHÃES, Luciana Manera; MELO, Terezinha Toledo Melquiades. **A sistematização da oralidade na alfabetização de crianças: para além do senso comum.** In: Anais I CONBALF, 1ª edição, 2013. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PERFEITO, Márcia, Vânia Silvério; PERFEITO, Vânia Márcia Silvério. **Qual o lugar da oralidade na alfabetização?** In: Anais do V CONBALF, 5ª edição, 2021. Disponível em: [https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V\\_CBA/ppr/paper/viewFile/1046/706](https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/viewFile/1046/706). Acesso em: 25. Mai. 2023

PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves; LIMA, Juliana de Melo; BARROS, Sheila Cristina da Silva. **Mediação docente e apreciações valorativas de crianças do 3º ano do Ensino Fundamental sobre a atividade de exposição oral.** In: Anais do IV CONBALF, 4ª edição, 2019. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Autêntica, 2009.

SOUZA, Júlia Teixeira. **A oralidade na proposta curricular de Camaragibe: o que pensam as professoras?.** In: Anais do I CONBALF, 1ª edição, 2013. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf).



Acesso em: 25. Mai. 2023.

SOUZA, Júlia Teixeira; PESSOA, Ana Cláudia R. Gonçalves. **Ensino da oralidade: abordagem da dimensão valorização dos textos de tradição oral nos cadernos do PNAIC 2013**. In: Anais do V CONBALF, 5º edição, 2021. Disponível em: [https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V\\_CBA/ppr/paper/viewFile/1246/810](https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/viewFile/1246/810). Acesso em: 25. Mai. 2023.

TINOCO, Dhienes Charla Ferreria; PEIXOTO, Priscila de Andrade Barroso; LUQUETTI, Eliana Crispim França. **Fraseologismos regionais: ensino das expressões idiomáticas no processo de alfabetização e letramento**. In: Anais do IV CONBALF, 4º edição, 2019. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/files/ugd/64d1da\\_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf](https://www.abalf.org.br/files/ugd/64d1da_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

VEIGA, Patrícia Regina Vannetti. **'Alfabetismo Social': oralidade e escrita das narrativas populares no brasil no ensino fundamental**. In: Anais do I CONBALF, 1º edição, 2013. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/files/ugd/64d1da\\_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf](https://www.abalf.org.br/files/ugd/64d1da_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

ZANLOTENZI, Claudia Maria Petchak; SILVA, Paola Helena Muxfeldt Morando da. **Narrativas orais de histórias: a visão do professor alfabetizador**. In: Anais do V CONBALF, 5º edição, 2021. Disponível em: [https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V\\_CBA/ppr/paper/view/881/734](https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/view/881/734). Acesso em: 25. Mai. 2023.